

Educação Física escolar, transtornos e deficiências em tempo de Pandemia

Bruno Lutianny Fagundes Monção¹, Cecília Barreto Almeida¹, Dirce Efigênia Brito Lopes e Oliveira¹, Marúcia Carla D'Afonseca Santos Borges¹

Data de Submissão: 09/05/2020. Data de Publicação: 19/11/2020

RESUMO

Um grupo de professores pertencentes ao mesmo eixo temático buscaram através da rede social Instagram, a partir de *Lives*, veicular conhecimento a comunidade em geral e em especial aos acadêmicos do curso de Educação Física da Unimontes. Este relato tem por objetivo explanar as experiências dos professores envolvidos na construção da “*Aulive*” como ferramenta de melhor acesso aos alunos em consonância com a exposição da temática Educação Física Escolar: Transtornos e Deficiências em tempo de Pandemia. Os professores envolvidos nesse processo concluíram que independente das inúmeras dificuldades para a construção dessa nova metodologia de aula foi extremamente proveitoso tanto para a construção dessa nova ferramenta, assim como os inúmeros diálogos estabelecidos durante a “*Aulive*” com os acadêmicos e a comunidade como um todo.

Palavras-chave: Pandemia. Didática. Transtorno do Espectro Autista. Deficiência Auditiva.

INTRODUÇÃO

Nesse “novo normal” em que estamos inseridos em 2020, torna-se impossível não falar sobre a pandemia, principalmente em virtude de tudo o que ela provocou e provoca. Conforme a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), sabemos que a crise causada pela COVID-19 resultou no encerramento das aulas em escolas e em universidades, afetando mais de 90% dos estudantes do mundo (UNESCO, 2020). Entretanto, na Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES instituiu o “trabalho remoto” com uma perspectiva de que os alunos continuassem seus estudos.

Neste contexto de perplexidade em função da crise sanitária que o mundo está vivendo, urge a necessidade de lermos a diversidade cultural e a diversidade de linguagem. As nossas salas de aula presenciais, com suas misturas de culturas, raças, cores e ritmos de aprendizagem já nos solicitavam novas estratégias, novas mídias, novas ferramentas. Os tempos atuais de isolamento social nos convocam a adotar uma didática que atenda aos multiletramentos e inclua os diversos sujeitos através do uso de estratégias criativas, flexíveis, motivadoras e adaptativas, principalmente, com salas de aula que vão além dos muros das escolas.

Assim, inicia uma reflexão sobre criar novos caminhos para levar conhecimento para os alunos a partir de uma linguagem e uma ferramenta mais acessível e comum, uma vez que, existiam vários impasses, em virtude daquilo que é efetivamente um dado. Nas escolas públicas e nas universidades os alunos não têm acesso a internet banda larga, de tal modo que, muitas vezes, parece inviabilizada a própria mobilização dos recursos da internet para dar sequência ao ensino.

Diante desse cenário o colegiado de Licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), sugeriu uma nova proposta de aula, em que seria através das *Lives* na rede social *Instagram* com a veiculação de temáticas abrangentes associadas com a realidade atual e as práticas acadêmicas. Esse projeto intitulou-se como “*Aulives*” e ocorreu no período compreendido entre 23 de junho a 09 de julho de 2020.

O relato em questão tem por objetivo explicar as experiências dos professores envolvidos na construção das “*Aulives*” como ferramenta de melhor acesso aos alunos em consonância com a exposição da temática Educação Física Escolar: Transtornos e Deficiências em tempo de Pandemia.

EXPERIÊNCIA

Para que pudéssemos construir as “*Aulives*” fizemos inúmeras reuniões para entendermos como funcionava essa nova ferramenta, especialmente no olhar de quem estava criando uma *live*, pois nós professores desse eixo temático não possuíamos vivência prática quase que nenhuma com a realização de “*Lives*” e ainda fomos os primeiros a estreitar essa nova metodologia dentro do curso de Educação Física da Unimontes.

Após construirmos um roteiro referente aos assuntos a serem abordados e antes de iniciar os testes, realizamos (os professores do eixo temático) vários debates para entendermos melhor como apresentar aos acadêmicos e a comunidade em geral de forma clara e descontraída o tema proposto. Entendemos que a nossa busca está na reflexão acerca das diversas modalidades de aprendizagem e de ensino.

Dessa forma, foi preciso atentar para a questão de que os sujeitos aprendentes fazem processos diferentes. Em que o ensino passa pela utilização de estratégias criativas, e para efetivarmos um ensino criativo é imprescindível enxergarmos com clareza o vínculo que o trabalho educativo mantém com a realidade social. E na atualidade o distanciamento escola-realidade precisa ser recolocado.

Com o intuito de conquistar a dimensão do entendimento da visão de homem que sustenta as teorias pedagógicas dominantes, o qual consiste o fazer pedagógico de inúmeras instituições educacionais, lembremos a partir das ideias de Fernandes (2001), que as crianças pobres de nosso país vão para a escola e levam com elas tudo que possuem e que as constituem; levam suas vivências familiares, os pais que possuem com todas as suas dificuldades sociais; levam suas vidas duramente vividas; levam suas memórias, sua cultura, sua raça, seu sexo, seus traumas, levam tudo para a escola.

A partir desse olhar buscamos refletir sobre esse “novo normal” em especial aos alunos que possuem transtornos e deficiências em tempo de pandemia. Então, ao discutirmos acerca dos tipos de transtornos e deficiência nos deparamos com uma grande dificuldade de adequar muita informação em somente 10 minutos de explanação para cada professor envolvido. Uma vez que, a rede social Instagram para a veiculação das *Lives* estabelece um tempo máximo de 60 minutos. Assim, definimos que estabeleceríamos um diálogo voltado para o processo de aprendizado das pessoas no espectro autista e das pessoas surdas em tempos de pandemia.

Ao imaginarmos que a principal característica das pessoas com o Transtorno do Espectro Autista (TEA) é a deficiência na interação e na comunicação social, com repertório restrito e repetitivo de comportamentos, em que apresenta dificuldades em atividades lúdicas e imaginativas, a existência de uma rotina é a constatação de um fator crucial na vida de um autista (ASSUMPÇÃO; KUCZYNSKI, 2015).

Nesse novo cenário social, em que existe uma limitação na circulação das pessoas, diariamente as famílias de crianças e adolescentes portadores de TEA encaram enormes desafios para amenizar o impacto da falta de rotina de seus filhos. Conciliar uma nova rotina familiar, em que todos estão dentro de casa sem poder ir nos antigos locais habituais como, terapias, praças, parques, esporte e na casa dos amigos é um prejuízo incalculável para as relações pessoais e para o processo de aprendizado dessas crianças e adolescentes.

Assim, torna-se relevante pensarmos que há dificuldades no processo de ensino e aprendizagem e que “todo lugar de saber é um lugar de poder” (FERNANDES, 2001, p. 27). Para a autora o conhecimento é o alimento que o sujeito aprendente precisa incorporar, transformar e metabolizar. A questão do não aprender para inúmeras crianças e adolescentes é produzido como mensagem do inconsciente que deve ser escutado. A inteligência só será liberada através do encontro com o prazer de aprender aquilo que em algum momento ficou perdido.

Dessa forma, podemos ressaltar que as crianças no espectro Autista vão deparar com um grande impasse, pois o facilitador, aquele que irá conduzir o aprendizado em tempos de pandemia também está aprendendo a lidar com uma nova rotina e na sua maioria das vezes não conseguirá ensinar com prazer.

Situação similar ocorre com as crianças com deficiência auditiva. Percebe-se que o surdo é semelhante a um estrangeiro em seu próprio país, falando uma língua que o ouvinte desconhece, gerando um grande entrave na comunicação entre surdos e ouvintes. Surge entre esses dois grupos uma dificuldade na interação, inibindo sua inclusão nas diversas esferas sociais e, nesse “novo normal” que o mundo passa a conhecer, traz uma experiência desafiadora para o povo surdo, além de já enfrentar diariamente as grandes barreiras na comunicação, nesse período tem que enfrentar uma comunicação sem acessibilidade, tornando um dos maiores desafios do isolamento social. As informações não chegam aos surdos como chegam para os ouvintes, estabelecendo mais um desafio de compreender o momento de pandemia.

No ambiente educacional não é diferente, as escolas buscam meios para adaptar nesse “novo normal”, porém, os surdos são prejudicados, por não possuir acessibilidade na comunicação. As aulas de forma remota não contam com a

presença de um interprete de libras e infelizmente a realidade é que a grande maioria dos professores não sabe se comunicar utilizando a língua de sinais.

O surdo passa ser semelhante a um estrangeiro em seu próprio país, pois fala outra língua que o ouvinte desconhece o que gera um grande empecilho na comunicação entre eles. Por não conhecer a língua um do outro, surge grande entrave na interação ouvintes e surdos, dificultando sua inclusão nas diversas esferas sociais. O esforço em dominar a outra língua é fundamental para que haja interação das culturas e para que essa relação seja de mútuo respeito e cumplicidade (KELMAN, 2010).

Porém para trabalharmos com um novo normal, precisamos também atentar para o planejamento das nossas ações enquanto docentes. Sabedores de que do ensino significativo depende uma aprendizagem também significativa, propusemos esclarecer a partir de contextos históricos a importância de uma aula bem planejada e com objetivos bem definidos, coerentes com os conteúdos e avaliações pretendidas. Esclarecemos que independente de estarmos presentes fisicamente, temos que oportunizar aos nossos alunos uma aprendizagem que se adeque e respeite os momentos vividos por todos nós nesse momento de expectativas e também de ansiedade.

Para o retorno às atividades devemos atentar para diretrizes dos ajustes ao novo normal: a serenidade, para infundir os ajustes curriculares necessários; o pensar com objetividade; a flexibilidade, para a escola montar com autonomia seu planejamento e preparação dos professores, para que possam trabalhar com objetividade, segundo GATTI (2020, s/p).

Sendo assim é necessário buscarmos também estratégias que possam fazer com que a aprendizagem flua. Ao pensarmos as diversas concepções de didática que atravessam as práticas pedagógicas desenvolvidas nas salas de aula em tempos “*não remoto*” já pertinente atentarmos para as diferentes modalidades de ensino e para o olhar que os sujeitos envolvidos neste processo remetem aos alunos que são rotulados com problema de aprendizagem ou de fracasso escolar. E nos deparamos com a ideia de que o sujeito não aprende na escola porque não esforçou o necessário. Assim a noção de fracasso no espaço escolar já vem carregada da hipótese de que alguém fracassou na escola. Porém, em um cenário de aulas remotas para alunos

com transtornos e deficiência em que a escola muda de lugar, fica claro que o olhar deverá ser muito mais profundo no que se refere realmente ao processo de ensino e aprendizado para um ambiente tão novo e diferente para todos os envolvidos.

Se há uma questão de aprendizagem ela deverá ser entendida como um enigma a ser desvelado, portanto não deve ser silenciado, mas escutado.

Para (FEUERBACH),

a força do pensamento é a luz do conhecimento, a força da vontade é a energia do caráter, a força do coração o amor. Razão, amor e vontade são perfeições, são os mais altos poderes, são a essência absoluta do homem enquanto homem e a finalidade de sua existência. O homem existe para conhecer, para amar e para querer (FEUERBACH, 2009b, p.36).

Finalizamos nossa “*Aulive*” satisfeitos com a nova estratégia pedagógica. Nos sentimos com o dever cumprido em deixar um pouco do nosso conhecimento envolto com os nossos sentimentos de que tudo é possível se mudarmos o olhar sobre a realidade que nos cerca.

CONCLUSÃO

Portanto, ao relatarmos as nossas experiências durante a “*Aulive*” podemos perceber pontos fundamentais. Precisamos colocar à mostra a nossa capacidade de surpreender, de ousar, de assumir com competência, criatividade, técnica e compromisso o processo de ensino e aprendizagem para que nossos gestos no espaço na sala de aula estejam em sintonia com uma educação de qualidade e equidade.

Enquanto profissionais da educação, inescusável voltar os nossos olhares e ações a esse povo minoritário, mas que requer toda atenção e cuidado nesse período que estamos sendo obrigados a conviver em um cenário bem diferente. Enfim, aproveitarmos esse novo tempo, e descobrir novas estratégias de enfrentamos nos desafios cotidianos e assumir um novo empoderamento pessoal.

REFERÊNCIAS

ASSUNPÇÃO, F. B; KUCZYNSKI, E. Autismo: conceito e diagnóstico. In: (Orgs.), Ed. 2. ***Autismo infantil novas tendências e perspectivas***. São Paulo: Atheneu, 2015. Cap. 1, p. 3-26.

FERNANDES, A. **Os idiomas do aprendente**: análise de modalidades como famílias, escolas e meios de comunicação. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

FEUERBACH, L. **A essência do cristianismo**. Tradução de José da Silva Brandão. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

GATTI, B. A. **Webinar vetores saudáveis**: Possível Reconfiguração dos Modelos Educacionais Pós-Pandemia. IEA, São Paulo: USP, 2020.

KELMAN, C.A. Multiculturalismo e surdez: uma questão de respeito às culturas minoritárias 2010. In: Fernandes, E. (Org.). **Surdez e bilinguismo**. (3. ed. pp. 87-103). Porto Alegre: Mediação. 2010.

UNESCO. **A Comissão futuros da educação da Unesco apela ao planejamento antecipado contra o aumento das desigualdades após a COVID-19**. Paris: Unesco, 16 abr. 2020. Disponível em: <https://pt.unesco.org/news/comissao-futuros-da-educacao-da-unesco-apela-ao-planejamento-antecipado-o-aumento-das>. Acesso em: 21 ago. 2020.